



Candangos

JORGE HENRIQUE CARTAXO* | jorgehenrique.cartaxo@gmail.com
ESPECIAL PARA O CORREIO

Nicolas Behr, o verso em reverso

Na inquietante década de 1970 do século passado, Brasília — branca como a Grécia — ainda era uma maquete viva que ornava a vastidão do Cerrado, ora verde-jante como a esperança, ora ocre-cinza como os desafios.

As paredes, os salões, salas e corredores dos seus templos e palácios — construídos em traços ousados — ainda não haviam vivido o calor, as emoções, os sons, gestos, palavras e atitudes que o tempo faz impregnar nas edificações das cidades que testemunham e emanam a grandeza esperada e, não raro, a pequenez indesejada, dos seus atores e dirigentes.

Assim como seus jardins amplos e surpreendentes, suas avenidas longas, quase infinitas, suas tesourinhas incompreensíveis, suas quadras e superquadras desenhadas por edificações que guardavam moradores e moradias, não haviam compartilhado o tempo e a lembrança com seus primeiros habitantes e filhos. Aquele novo espaço urbano, devidamente identificado numa inusitada forma alfanumérica, para muitos uma pouco amigável mistura de números e letras, era ainda alumbramento e não história e memória.

Foi nesse cenário, na ainda adolescente Brasília de 1974, que o também adolescente Nicolas Behr — então com 16 anos — desembarcou no festejado novo esplendor do Cerrado, o deslumbrante experimento modernista de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Athos Bulcão, Marianne Peretti, Burle Marx...

Nascido em Cuiabá, em Mato Grosso, filho de imigrantes europeus, Nicolas Behr foi amigo dos livros, das leituras e da natureza desde a infância. A curiosidade criativa também sempre lhe fez companhia. Ainda em Cuiabá, quando se acreditava um futuro geólogo — colhia cristais de quartzo e pequenas pepitas de ouro após as enxurradas

nos arredores da cidade.

Mas foi em Brasília que o então jovem amante do rock, o intrépido geólogo da infância descobriu a poesia lendo a antologia organizada por Heloísa Buarque de Hollanda, 26 poetas hoje. Para o poeta, a obra marcante da sua inspiração. Enquanto aprendia a viver, conviver e compreender a intrigante arquitetura urbana de Brasília, Nicolas conheceu a obra de Ferreira Gullar, o cinema italiano — tão presente na época sobretudo com a obra de Pasolini — e aproximou-se das crescentes manifestações estudantis na Universidade de Brasília, mesmo sendo ainda um estudante secundarista nos colégios Pré-Universitário e Setor Leste.

Os desencontros e crises políticas não raro se fazem acompanhar de refazimentos estéticos. Se os governos militares e suas dissonâncias caminhavam para um encontro anunciado com o restabelecimento das instituições democráticas, a contracultura — Cinema Novo, Centro Popular de Cultura, Tropicalismo e o movimento hippie — tão forte nos anos 1960 e 1970 — já não tocava os corações e as mentes dos jovens do fim da década de 1970 e início da década de 1980. No Rio, em São Paulo, Porto Alegre e Recife, jovens poetas começavam a imprimir, publicar e vender seus “livrinhos” num design gráfico bem diferente do preponderante no mercado editorial.

É com esse espírito que surge o nosso grande poeta urbano. “Somos os não alinhados, os trombadinhas da poesia”, sentenciou Nicolas Behr. Em agosto de 1977, lança o seu primeiro livro e entra na cena cultural de Brasília com densa e estonteante velocidade. *Jogurte com Farinha* era o título da primeira obra de Nicolas Behr. Escrita, editada e impressa pelo autor em mimeógrafo e vendida por ele mesmo nos bares, escolas, na fila do cinema, shows, restaurantes. E assim uma



Arquivo pessoal

sequência quase frenética de “livrinhos” com versos instigantes numa interlocução inaugural com a percepção de uma vida urbana que se constituía na capital de um país então em profunda transformação. *Com a boca na botija, Põe Sia Nisso, Entrequadras, Elevador de Serviço e Parto do Dia* são alguns dos títulos que integram a edição *De Saco Cheio*

— *Obras Completas* — Volume II.

Entre 1977 e 1980, Nicolas Behr foi poeta e poesia na vida cultural de Brasília. Foi, como a imprensa à época o chamou, “o cavaleiro andante da poesia-mimeógrafo”. Nas noites do Beirute, nas manifestações no Minhocão e no Teatro de Arena da UnB, nos shows de poesia e música do Teatro

Garagem do Sesc, no Teatro Galpãozinho, nos Concertos Cabeças aos domingos na 311 Sul... Nicolas Behr era onipresente. Até uma clássica visita do Dops à sua residência e um hilariante processo por terem sido encontrados no seu apartamento “escritos obscenos” tiveram lugar naqueles dias que prenunciavam mudanças e perplexidades no Brasil.

“Nicolas apreendeu como ninguém a linguagem desta cidade. Lendo qualquer um dos seus livros, tem-se a nítida visão de que, ali, está o diagrama emocional de Brasília. Seu discurso poético evolui na medida em que o seu texto se adensa”, destacou o jornalista Márcio Farias, em julho de 1980, ao comentar o recém-lançado livrinho *303-F-415*, conceituando e definindo a estatura e a presença poética de Nicolas Behr na cidade de Brasília, para sempre.

Além da poesia, Nicolas Behr emprestou seu talento e sensibilidade ao Movimento Ecológico de Brasília (Move). Integrou o Clube de Observadores de Aves de Brasília (COA), onde editava o jornal Olha o Passarinho. Ajudou a criar a Fundação Pró-Natureza em 1986. A convite da The Nature Conservancy, passou um ano em Washington estudando o funcionamento norte-americano para levantamento de fundos para proteção ambiental. No início da década de 1990, cria, no Polo Verde na saída do Lago Norte, o viveiro de mudas Pau-Brasília, de onde segue o conselho do seu amigo Paulo Bertran: “Vai, Nicolas, encher o mundo de árvores e de flores”.

Os tempos mudaram, assim como os versos e as inspirações. Mas o poeta e a poesia estão presentes no também ecologista-viveirista. E eu não poderia encerrar esse texto sem lembrar aqui a frase gentil do jornalista Carlos Marcelo no seu belo ensaio, *Ímpeto de Foguete* publicado no livro *Nicolas Behr: eu engoli Brasília*: “Nicolas tem apenas duas mãos: uma para escrever, outra para plantar. E, no coração, as lembranças e os sentimentos do mundo”.

A Paris moderna teve Charles Baudelaire. A modernista Brasília tem Nicolas Behr.

Jorge Henrique Cartaxo
é jornalista, mestre em história pela Universidade Paris-Sorbonne

FEIRA/ Projeto Sabadou no Parque celebra a cultura coreana com culinária e referências clássicas do país asiático

Entre doramas, k-pop e ícones gastronômicos

» RICARDO DAEHN

A fila formada em frente a uma das barraquinhas da Sabadou no Parque, feira montada semanalmente, há mais de dois meses, no Estacionamento 5 do Parque da Cidade, dava a pista para a dupla de amigas aposentadas Maria Ferreira, 67 anos, e Maria José de Oliveira, 71 anos. Freqüentadoras de eventos a céu aberto na Candangolândia, no Polo de Modas e na Q12 do Guará, elas se espantaram com a qualidade do Sabadou no Parque, afunilado em exploração da cultura coreana. “É maravilhoso. O pessoal é educado e prestativo. Uma beleza, e tudo com nível legal. Brasília propicia a confraternização, conhecer coisas com liberdade, viver a vida com o que ela oferece de bom” avaliou Maria Ferreira, degustando um crispy-dog (à base de queijo e batata frita). “Eventos assim incentivam a gente a procurar novidade na rua”, reforça Maria José.

“Os coreanos têm uma comida que abraça, e reúne as pessoas”, sintetizou a cozinheira Célia dos Santos. Enquanto acenta o sonho de visitar o Mercado Central da Coreia, ela sai de Valparaíso de Goiás, ao lado do marido Advar da Silva, para entregar os novos conhecimentos de gastronomia adquiridos em 25 anos de carreira. Entre vendas de kimchi, comida do dia a dia coreano que consiste em uma acelga fermentada naturalmente que traz benefícios para a pele e o intestino, o casal também comercializa japchae, um macarrão de batata doce. Jardineiro há 20 anos na embaixada da Coreia, Advar destaca: “É um povo muito educado, respeitoso e amistos”.

Os sul-coreanos, reconhecidos pelos acelerados galopes tecnológicos, conquistam admiradores de todas as idades. Para confirmar a fixação da filha Yasmin Silva, 9 anos, por ícones do K-pop, Simone Leite, 48 anos, esperou mais de ano. Pas-

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



As amigas Maria do Socorro e Maria José foram conferir o evento

sado o tempo, a vinda para a feira se tornou programa inevitável. “Foi uma prima que me apresentou o Stray Kids. Acho eles bem fofinhos. Tem grupos coreanos com muitas nuances nos traços físicos dos componentes. Alguns têm origem na Índia, Austrália, Havaí e Estados Unidos”, explicou a aluna do 3º ano. O universo particular da filha virou o de Simone também, uma ex-apaixoadora por Menudos, Justin Bieber e afins. “A gente abre a mente para tudo, com a internet. Gosto de saber que ídolos dela são engajados, por exemplo, em ações sociais”, explicou Simone, que compartilha o gosto pelos doramas (famosas séries asiáticas). “São novelinhas com mais romance, com temas tratados de forma mais limpa e carinhosa, sem uso de trapaceas e mentiras. É um entretenimento com o qual se vê que dá para se acreditar no amor”, pontua Simone.

Na feira que puxa pelo estômago, desde o gimnap (um sushi coreano em que carnes não são cruas) e o dak-gangjeong (frango apimentado e crocante), há espaço para outros pra-

zeres como o do colecionismo de fotocard com imagens de ídolos asiáticos, com as surpresas dos conteúdos de boosters em pacotes com seis cartas e a exploração de mundos imagéticos japoneses como o dos Pokémon. Na feira há pelúcias, chaveiros e quadrinhos, e muita circulação de gente interessada em trocas e negociação de cartas. Para se ter ideia, há duas semanas, uma carta foi negociada a R\$ 14 mil; cartas, que valiam centavos em 1996, hoje podem chegar a mais de US\$ 1000.

“Em casa, elas fazem a dancinha, treinam coreografias”, comentou Marina Félix, 35, pela segunda vez na feira, tendo vindo de Taguatinga com a filha Cecília Félix, 10 anos, e a amiga Rafaela da Silva, ambas do 5º ano do Marista. “Acho os cantores muito divertidos, têm personalidades fortes, muita voz e carisma”, destacou Cecília. Entre compras de bôtons de J-Hope (do BTS), pacotes de comidas de origem coreana e até um quadro de Hyunjin (do Stray Kids), Rafaela assegurava: “No tempinho livre, vou levar adiante a admiração, até onde puder”

